

romanceada y Diccionario historico, separata del homenaje a Damaso Alonso, II, Madrid (1961), pg. 33, nota.

⁹ *a espada ... justiça*: este inciso foi para aqui trazido do cap. 5.8, onde se enumeram uma série de punições que castigam as faltas principais. A segunda parte da sentença «ca se sostem o mundo», atribuída como vimos a Simeão, filho de Gamaliel, tinha sido levada a título da colecção. *Vem no texto nem evidente lapsus calami*.

¹⁰ *ao ... vem*: ler no plural, aos ... vêem.

¹¹ *cavidado*: termo medieval, isto é, acautelado, do latim caveo.

¹² *muyta molheres*: ler muytas molheres.

¹⁸ *despartas*: outro verbo de formação judaica, despartir, isto é, pôr de parte. Não despartas, não ponhas de parte.

¹⁴ *o fim.*: noutros lugares *a fim*. Oscilação entre o masculino e o feminino de fim.

¹⁵ *Deos*: o texto usa continuamente a abreviatura Ds. Desdobrámos com *o* e não com *u* por assim encontrarmos uma vez no texto da Bíblia de Lamego (cfr. Versão Medieval Inédita do Livro de Job em «Didaskália», p. 83, nota 2.

J. MENDES DE CASTRO

Notas e Comentários

As influências na elaboração do Criacionismo

A Biblioteca de Leonardo Coimbra

III

Tipologia e valor dos sublinhados e anotações

Concluída a publicação do *Ficheiro* das obras filosóficas da biblioteca de Leonardo Coimbra, contendo sublinhados e anotações, nos dois fascículos anteriores desta Revista¹, é o momento de atender ao seu conspecto geral e tirar algumas ilações, quanto à sua tipologia e valor.

Antes, porém, três prevenções metodológicas. Com efeito, da análise global das obras filosóficas e, posteriormente também, das científicas e das teológicas, com as suas marcas de leitura, não se pretende inferir nada que não esteja nas premissas. E são evidentes as limitações dos dados disponíveis, o seu carácter fragmentário, ou meramente probabilístico.

Em primeiro lugar, ninguém nos garante que na biblioteca de Leonardo Coimbra se tenham conservado todos os livros que leu e anotou. Isto, apesar do cuidado da sua Família em manter intacto o seu acervo.

Tal acontece, por exemplo, com as obras de Bergson, «o genial filósofo francês»², que, a par de Kant, é o mais referenciado nos seus escritos, desde os artigos anteriores ao primeiro livro³, perpassando por este, até ao último, incompleto e póstumo⁴. Já em 1911, o cita laudativamente e apelida de genial, confessando-se-lhe devedor, embora propugne teoria oposta, quanto à percepção. E a penúltima obra que publica é preci-

¹ Ângelo Alves, *As influências na elaboração do Criacionismo*, in «Humanística e Teologia», Porto, IX (1988) 223-244.

² Leonardo Coimbra, *Por Camões*, in «A Montanha», ano I, 88, Porto, 12.6.1911; cf. in *Dispersos*, I, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, p. 200.

³ Idem, *Natal e Novo Ano*, in «A Águia», Porto, n. 3 (1911)2; *Uma Monadologia*, in «A Águia», n. 10 (1911)9; *Escerto*, in «A Águia», Porto, I, 2 (1912) 51; *O Infinito*, in «Serões», Lisboa, 2.ª Série, XII, 73 (1911) 44.

⁴ Idem, *O Criacionismo*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, I vol., Porto, Lello e Irmão, 1983, pp. 26, 35, 150, 226, 284, 291, 299, 313, 315, 325, 333, 346; *O Homem às mãos com o destino*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, II, pp. 1003, 1004-1007, 1013-1017, 1019.

samente *A Filosofia de Henri Bergson*⁵ de que saiu apenas a primeira parte — a expositiva.

Ora, Leonardo cita em *O Criacionismo* as obras do filósofo do *élan vital*, publicadas até então: *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1889); *Matière et Mémoire. Essai sur les relations du corps à l'esprit* (1896); *L'évolution créatrice* (1907); em vários lugares, de modo imperfeito⁶. Em *A Razão experimental* refere *L'énergie spirituelle* (1919) e *Durée et simultanéité* (1922), além dos atrás mencionados⁷. Finalmente em *A Filosofia de Henri Bergson* começa por analisar *Les deux sources de la morale et de la religion* (1932).

No entanto, na sua biblioteca existem, apenas, anotados e sublinhados: *Matière et Mémoire* (1908), *Le Rire. Essai sur la signification du comique* (1908), *L'énergie spirituelle. Essais et conférences* (1919), *Essais sur les données immédiates de la conscience* (1928). Quer dizer, faltam algumas obras citadas, importantes, e está presente uma edição tardia da primeira.

Em segundo lugar, não podemos saber com precisão a data dos sublinhados e anotações, a que fase pertencem da sua vida intelectual. Temos apenas o termo «a quo» — a data da publicação da obra, e ocasional termo «ad quem», a data da citação, por ventura feita, da mesma, nos seus próprios livros. Mas nada nos garante que não tenha havido uma leitura de uma edição mais antiga, quando só existe uma mais recente.

Em terceiro lugar, a referência de um autor ou de uma obra pode não ser fruto da leitura directa, mas de críticas ou comentários de outros, pois é patente a despreocupação metodológica de Leonardo Coimbra, em todos os seus trabalhos, e a ausência de aparato crítico, devidamente cuidado.

Apesar disto, é inegável o valor dos sublinhados e anotações para o conhecimento da personalidade e do pensamento de Leonardo Coimbra. De sua natureza, constituem eles um sinal e adjuvante da leitura. Expressam a reacção de quem lê ao pensamento do autor e ficam a assinalar a sua compreensão, a visualizar a sua importância ou interesse e a ajudar a sua utilização futura. São uma forma de diálogo, que, para um terceiro, permite conhecer melhor quer o pensamento e o estilo do autor, quer a idiosincrasia do leitor.

Leonardo usa sempre lápis preto e a sua caligrafia é facilmente identificável, conquanto se modifique um pouco ao longo do tempo, simplificando-se. É ligeiramente inclinada para a direita, harmoniosa e estável, sem adereços.

Os sublinhados são horizontais, ao correr da frase, ou transversais, na margem, englobando várias linhas. Estes são muito mais frequentes e muitas vezes sobrepostos — dois, três ou até quatro traços. Raramente,

⁵ Idem, *A Filosofia de Henri Bergson*, I, Porto, Renascença Portuguesa, 1932 (1934).

⁶ Idem, *O Criacionismo*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, I vol., Porto, Lello e Irmão, 1983, pp. 193, 285; 287, 373; 170, 175.

⁷ Idem, *A Razão experimental*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, II vol., Porto, Lello e Irmão, 1983, pp. 569, 745, 785.

em vez do traço, aparece uma cruz, um ponto de interrogação, ou de admiração. Em geral, só os horizontais são acompanhados de anotações, ora à margem, ora ao fundo da página (e, então com uma chamada — número entre parêntesis), ora nas folhas intercalares, junto da capa e contracapa.

As anotações são muito menos numerosas e há capítulos inteiros, e até muitos livros, sem elas. Compreendem as simples interjeições de aplauso ou de rejeição, por vezes, emotivas, violentas e até vulgares; comentários breves, quase sempre argumentando contra; ou pequenos desenvolvimentos de doutrina oposta, em toda uma página intercalar.

No seu conjunto e independentemente da sua tipologia, os sublinhados e anotações comprovam a vasta cultura filosófica, científica, teológica e literária, embora predominantemente filosófica e científica, de Leonardo Coimbra, haurida nas fontes directas (para os livros alemães e ingleses em traduções francesas), e não apenas em obras de síntese ou de comentário. Estão presentes e comprovadamente lidas e estudadas obras de A. Comte, Stuart Mill, E. Kant, Bergson, Renouvier, Boutroux, Poincaré, Meyerson, Fouillé, Spencer, Guyau, Hamelin, Brunschvicg, Höffding, Schopenhauer, J. Maréchal, Sertillanges, Le Roy, E. Naville, A. Hannequin, etc., para só mencionar os mais determinantes na elaboração do Criacionismo e na sua superação.

Algumas anotações ou sublinhados têm interesse biográfico, ou, pelo menos, revelam o seu temperamento e sentimentos profundos.

Assim, num pequeno folheto, contendo a Encíclica *Mens Nostra*, de Pio XI, acerca da necessidade de promover os retiros espirituais, após a seguinte nota: *Casa do Retiro da Gandra*. Ora o folheto foi editado no Porto, em 1930, e certamente foi adquirido na casa em que já estivera, em 1927, e na qual Sílvia Cardoso organizava exercícios espirituais, para pessoas de várias categorias.

Esta anotação vem confirmar e esclarecer o testemunho do Dr. M. Portocarrero, no jornal *A Ordem*⁸, segundo o qual Leonardo, certo dia, na baixa portuense, lhe confidenciava: «sabe, voltei à Gandra; uma felicidade para mim; já lhe posso dar a nova de me considerar um crente; mas a luta continua e, agora, o principal obstáculo a vencer é o respeito humano; sabe, tinha muitos compromissos e ligações...»⁹.

Outro dado significativo, um simples sublinhado em forma de xis constitui uma surpresa, sabendo-se que, pelo seu carácter impetuoso, extroverso e irónico, muitas vezes foi tido como arrogante e superiorizando-se a todos. Trata-se da inutilização do seu nome, numa história da Filosofia, onde fora colocado entre os filósofos portugueses contemporâneos, e seguido dum resumo da sua doutrina. A história é de Karl Vorlander, traduzida em espanhol por J. V. Viqueira e editada em Madrid, no ano de 1922. O tradutor acrescentou-lhe, no tomo segundo, um apêndice

⁸ M. Portocarrero, *Leonardo Coimbra. Sua conversão e os retiros espirituais*, in «A Ordem», Porto, 10 de Outubro de 1970.

⁹ Cf. Angelo Alves, *A Conversão de Leonardo Coimbra. História e Interpretação*, Porto, 1984, p. 212. Separata de «Humanística e Teologia» V (1984) 179-370.

sobre a Filosofia espanhola e portuguesa no século XIX e começos do século XX.

Vale a pena salientar que certamente foi esta a primeira vez que o nome de Leonardo Coimbra e a sua doutrina, ainda em evolução (só no ano seguinte publicou *A Razão experimental*), receberam a consagração de entrar numa história da filosofia, no elenco dos filósofos e das filosofias portuguesas, o único com parágrafo individualizado e destacado. E aí Leonardo Coimbra riscou o seu nome! Não, decerto, para que alguém visse, mas como expressão íntima do sentimento de insatisfação e humildade que caracteriza o verdadeiro sábio¹⁰

Resta exemplificar a tipologia das anotações e aferir do seu interesse, seleccionando alguns casos mais significativos. Não poderemos prescindir dos textos a que se referem, pois, de outro modo, seria impossível apreender o seu valor e sentido, ou mesmo, a razão da sua violência.

Começaremos pelas obras mais representativas dos sistemas filosóficos e dos autores a que se opôs tenazmente, na primeira fase do

¹⁰ Karl Vorlander, *História de la Filosofía*, traducción por J. V. Viqueira, II, Madrid, Francisco Beltrán editor, 1922, p. 465.

Por não ser conhecido, pois nunca o encontrei citado, aqui se transcreve o texto completo:

«Leonardo Coimbra

que nació en 1883 en la aldea de Lixa (Amarante), estudió en el colegio de Penafiel y en las Universidades de Coimbra y Oporto, Ministro de Instrucción pública em un período agitado de la vida política de su país, llevó a cabo la actual reforma de la enseñanza primaria y de la enseñanza universitaria de la filosofía. Hoy día es profesor y director de la joven y floreciente Facultad de Letras de la Universidad de Oporto. Ha publicado las siguientes obras: *O Criacionismo*; *A Morte*; *O pensamento criacionista*; *A Alegria, a Dor e a Graça*; (traducción española de esta última por Valentín Pedro). *A luta pela Imortalidade*; *O problema da indução*; *A questão universitária* (discurso); *Tradição e evolução* (discurso); *Camões e a fisionomia espiritual da Patria*; *Do amor* (diálogo); *Adoração* (cânticos de amor). Según Leonardo Coimbra la realidad es pensamiento, pero es preciso no considerar este pensamiento como «cosificado», como un conjunto de cosas materiales, lo que hace el materialismo de todos géneros (incluso el materialismo e positivismo de Stuart Mill), ni tampoco como un conjunto de formas o relaciones al modo de Kant y todo formalismo. El pensamiento es creador y creador de forma y materia. Por otra parte el pensamiento supera al sujeto individual y es anterior a la división en sujeto y objeto. Este es el punto de vista creacionista: «un hegelianismo penetrado de experiencia». (Su exposición basándose en la crítica del materialismo y del formalismo, se hace en *O pensamento criacionista*). El pensamiento trasciende del individuo y es social; la realidad es social desde los procesos mecánicos hasta la actividad religiosa; el universo es conocimiento, simpatía y amor. La realidad última consiste en un campo de conciencia donde «conviven y se penetran las conciencias de las subconciencias socializadas, los seres socializados en Dios» (V. *A luta pela imortalidade*). La vida es un esfuerzo por la memoria y por la conciencia dejando en el camino de su creación la ciencia, el arte, la moral, y haciendo un avance hacia el más allá en el esfuerzo religioso de eterna e infinita conciencia amorosa (Ibidem). Experimentos psicopatológicos de autoscopia le llevan a poder afirmar: «Todo es, fué o puede ser conciencia».

seu pensamento e que são mais referenciados em *O Criacionismo* e em *O Pensamento Criacionista*: o positivismo (A. Comte) e o empirismo (Stuart Mill), por um lado, e o formalismo (Kant), por outro — os dois escolhos entre os quais pretende fazer passar a construção do Criacionismo, como idealismo dialéctico funcionalista.

Kant é certamente o filósofo mais citado e idolatrado, logo seguido de Bergson, se bem que se aproxime muito mais deste do que daquele. Já em 1911, se lhe refere, nos termos mais encomiásticos e ao mesmo tempo de crítica: «Assim se gasta o mais alto génio especulativo que possui a humanidade, na impossível tarefa de encontrar lugar para a liberdade, que a moral reclama.»¹¹

Na biblioteca existem apenas as duas obras primaciais, em tradução: *Critique de la raison pure e Critique de la raison pratique*. A primeira, em dois volumes encadernados, tem uma dedicatória a Leonardo Coimbra pelo amigo Costa Júnior (rubrica pouco perceptível).

Curiosamente, o primeiro volume tem gravado a tinta na capa, transversalmente, ao longo e a par da lombada e dos dois lados, os nomes: Kant—L. Coimbra—Kant. Na lombada, ao fundo aparece de novo e com a mesma letra: Kant. Pode ver-se aqui certamente, uma alusão ao pseudónimo que Leonardo Coimbra usou na loja maçónica a que pertenceu, segundo testemunha Oliveira Marques no Dicionário de Maçonaria¹².

O prefácio do tradutor, J. Tissot, tem apenas dois sublinhados. O prefácio do autor está muito sublinhado, mas não igualmente em toda a sua extensão. O corpo do volume está regularmente sublinhado, revelando um estudo minucioso e atento. As anotações são poucas e breves:

1 pg. 64: Espaços a n dimensões e a crítica de Hannequin.

L'espace n'est pas non plus un concept discursif, ou comme on dit, un concept général des rapports des choses, mais une intuition pure. On ne peut, en effet, se représenter qu'un seul espace, et quand on parle de plusieurs espaces, on entend seulement par là les parties d'un seul et même espace.

2 pg. 66: (1) Representa a forma em que elas aparecem e portanto alguma cousa, da qual Hannequin tira as suas deduções.

L'espace ne représente aucune propriété essentielle de quoi que ce soit, ni de ce que les choses sont en elles-mêmes ni de ce qu'elles sont dans leurs rapports aux autres choses.

3 — pg. 69: Isto bem mostra que o Espaço é ideia.

Aucune idéalité, pour parler exactement, ne leur [autres représentations subjectives, à l'exception de l'espace] convient donc, quoiqu'elles s'accordent avec la repré-

¹¹ Leonardo Coimbra, *Por Camões*, in *Dispersos*, I, Lisboa, Editorial Verbo, 1984 p. 199-200.

¹² A. H. de Oliveira Marques, *Dicionário de Maçonaria portuguesa*, I, Lisboa, Editora Delta, 1986, p. 360.

sensation de l'espace en ce qu'elles appartiennent à la nature subjective du sens, par exemple de la vue, de l'ouï du tact par les sensations de couleur de son et de chaleur, mais ces sensations ne permettent pas du tout de connaître *a priori* quelque chose que ce soit en elle-même, parce que ce sont de pures sensations et non des intuitions.

4 — pg. 72: O cousismo.

J'ajoute seulement que le concept de changement, celui du mouvement (comme changement de lieu) ne sont possibles que par et dans la représentation du temps; que si cette représentation n'est pas une intuition (interne) *apriori*, aucun concept, quel il fût, ne pourrait faire comprendre la possibilité d'un changement, c'est à dire la possibilité d'une association d'attributs contradictoires opposés dans un seul et même objet (v.g. q'une seule et même chose est et n'est pas dans un seul et même lieu), deux déterminations contradictoirement opposées dans une chose ne pouvant se rencontrer que dans le temps, c'est à dire successivement.

5 — pg. 74: é forçar?

D'où il faut conclure encore que la représentation du temps lui-même est une intuition, puisque ses rapports peuvent être exprimés par une intuition extérieure.

6 — pg. 88: Isto o que mostra é o artifício da matéria-forma.

Or, comme une chose en soi n'est pas connu par de simples rapports, on est bien obligé de juger que le sens externe, qui ne nous donne cependant que de simples représentations de rapports, ne peut comprendre dans sa représentation que le rapport d'un objet au sujet, et nullement la matière, le contenu de l'objet représenté. Il en est de même de l'intuition interne.

7 — pg. 147: Mas o espaço não precisa de ser passivo.

Au premier de ces principes [la soumission aux conditions formelles de l'espace et du temps] sont soumises toutes les représentations diverses des intuitions, en tant qu'elles nous sont données. Elles se rapportent au second principe [la soumission aux condition de l'unité de l'aperception], en tant qu'elles doivent pouvoir être liées en une seule conscience; sans cela rien ne peut être pensé ou connu de la sorte, parce que les représentations données n'auraient pas en commun l'act de l'aperception *je* pense, et par conséquent ne serait pas liées en une seule et même conscience.

8 — pg. 148: o cousismo

L'entendement pour parler généralement est la faculté des *connaissances*. Ces connaissances consistent dans le rapport déterminé des représentations données à un objet. Mais un *objet* est ce dans le concept de quoi la diversité d'une intuition donnée est liée.

9 — pg. 148: Atar a sensibilidade ao entendimento.

L'unité synthétique de la conscience est donc une condition objective de toute connaissance dont je n'ai pas besoin simplement pour connaître un objet mais à laquelle toute intuition doit être soumise pour qu'elle puisse devenir un objet pour moi, parce que autrement, sans cette synthèse, la diversité ne pourrait se lier en une conscience.

10 — pg. 149: creador absoluto

Un entendement dont la conscience donnerait en même temps la diversité de l'intuition, entendement par la représentation duquel les objets de cette représentation existeraient en même temps, n'aurait pas besoin d'un acte particulier de la synthèse de la diversité pour obtenir l'unité de conscience nécessaire à l'entendement humain, qui pense purement et simplement sans percevoir.

11 — pg. 156: o formal e o real

Les concepts mathématiques, comme telles, ne sont pas des connaissances; ils ne le sont du moins qu'autant que l'on suppose qu'il est des choses qui ne peuvent nous être représentées que suivant la forme de cette intuition sensible pure.

12 — pg. 172: Moral

(1) Mais je ne puis pas encore parler maintenant de cet usage [*l'usage de la raison du sujet*], parce qu'il ne se rapporte pas toujours à la détermination de l'objet, ni par conséquent à la connaissance; il peut concerner aussi la détermination du sujet et de sa volonté.

13 — pg. 245: Ver Hannequin

Car, suivant le principe de causalité, les actions sont toujours le premier fondement des toutes vicissitudes des phénomènes, et ne peuvent par conséquent se trouver dans aucun sujet qui change lui-même, parce qu'autrement d'autres actions et un autre sujet seraient nécessaires pour déterminer ce changement.

14 — pg. 325: contradição.

L'entendement limite donc la sensibilité, sans agrandir pour cela son propre champ, et tandis qu'il avertit de ne point prétendre à considérer les choses en soi, mais seulement les phénomènes, il conçoit un objet en soi, mais seulement comme objet transcendantal, qui est la cause du phénomène (par conséquent le phénomène lui-même), et qui ne peut être pensée ni comme quantité, ni comme réalité, ni comme substance (parce que ces concepts exigent toujours des formes sensibles dans lesquelles ils déterminent un objet);

O segundo volume da *Critique de la Raison pure*, também muito sublinhado, tem a particularidade de remeter para as páginas intercalares as anotações mais extensas, que no conjunto do texto, são menos numerosas.

1 — pg. intercalar da capa:

Os seres 1 (a) trocam no seu devenir um valor comum (quantidade de espaço e movimento, os 2 invariantes Matéria e Energia) que a ciência prevê. Quanto às formas que determinam esse espaço são em absoluto insusceptíveis de previsão. *A posteriori* a experiência as conhece (Boutroux) e, postulando a sua estabilidade (1), as prevê. (a) A crítica (Kant,... Hannequin...) estabelecerá primeiro a existência destes seres, novas mónadas. (1) Isolando sistemas, modificando-lhe os limites, introduzindo novas variáveis, emendando enfim se vai assegurando, tant bien que mal, esta estabilidade.

2 — pg.30: idéias-forças de Fouillée

C'est pourquoi l'idée pratique est toujours très féconde, et tout à fait indispensable par rapport aux actions réelles. La raison pure possède donc dans cette idée une causalité pour produire ce qui est contenu dans son concept; en sorte qu'on ne pas dire de la sagesse, en termes de mépris, qu'elle n'est qu'une idée; mais, au contraire, parce qu'elle ...est l'idée de l'unité nécessaire de toutes les fins possibles, elle doit, comme condition originelle et pour le moins restrictive, servir de règle à toute pratique.

2 — pg. 97: Ver Lachelier / a causalidade e a finalidade

Par conséquent la nature et la liberté transcendente se distingue comme la légalité et la licence. (...) Au contraire, l'illusion de la liberté promet, ils est vrai, du repos à l'entendement que scrute dans la chaîne des causes, puisqu'elle le conduit à une causalité inconditionnée ou absolue, qui commence à agir d'elle même; mais comme cette causalité est aveugle, elle rompt le fil conducteur des règles, suivant laquelle seulement une expérience universellement liée dans toutes ses parties est possible. (Dialectique transcendente. Antithèse n. 533).

3 — pg. 101: ? que significa antes do tempo?

En effet, le commencement d'une succession ne pouvant être terminée par ce qui précède, la suprême condition du commencement d'une série de changements devait donc être dans le monde lorsque cette série n'était pas encore;

4 — pg. 123: Isto mostra que Kant pensou / v. (1) da pg. do fim.

cependant vous ne pourrez connaître *in concreto* par aucune expérience l'objet de vos idées (car il faudrait, indépendamment de cette parfaite intuition, une parfaite synthèse, et la conscience de sa totalité absolue, ce qui n'est possible par aucune connaissance empirique).

— pg. do fim, intercalar da contracapa:

(1) A possibilidade da experiência permite a Kant estabelecer os *a priori* do conhecimento. Mas para que a experiência seja possível não é preciso que um lado fique o fenómeno puro e doutro o noumeno intangível; basta que o noumeno se deixe de qualquer forma agarrar pelo conhecimento e por este lado o fenómeno lhe traduz a real existência. Por outro lado, o caminho em que é preciso ir modificando o instrumento cognitivo (a ciência) indica o como do real que escapava à primeira forma de instrumento pensante. V. g.: Se na ciência o postulado da inércia pede remendos de todos os lados ou se mostra incapaz para muita realidade, não indicará isto que ao Ser repugna a inércia. Que a inércia que é pura para ciência (...)

5 — pg. 167: (a) pg. última

Il n'est par conséquent plus question que de savoir si, malgré cela, par rapport au même effet qui est déterminé suivant la nature, la liberté peut aussi avoir lieu, ou si celle-ci n'est pas entièrement exclue par cette loi inviolable. Et ici, la supposition, la vérité générale mais trompeuse, de la *réalité absolue* des phénomènes montre aussitôt son influence préjudiciale pour *confondre* la raison.

(a) Relacionar com a crítica (a) da pag. 167:

Um ponto de vista afirmativo é em relação ao Ser um ponto de vista negativo. Não há inércia, mas menos espontaneidade creadora (a).

6 — pg. 168: (1) o que só pode fazer-se admitindo mónadas activas e comunicando-se as actividades de modo que há nelas poder creador dos seus actos, determinados, no entanto, pelos das outras.

(1) L'effet peut donc être considéré comme libre par rapport à sa cause intelligible, tout en étant néanmoins regardé en même temps par rapport aux phénomènes, comme leur conséquence suivant la nécessité de la nature.

7 — pg. 171: (1) não pode haver mais clara indicação do que digo na nota (1) da pg. 168.

Jamais, à la vérité, ce caractère intelligible ne pourrait être connu immédiatement, parce que nous ne pouvons rien percevoir que ce qui apparait mais il devrait néanmoins être conçu selon le caractère empirique, de la même manière que nous sommes obligés en générale de donner, par la pensée, pour fondement aux phénomènes, un objet transcendental, quoique nous ne sachions rien de ce qu'il est en lui-même.

8 — pg. 171: nesta lei há um irredutível diverso, por isso nunca o determinismo atingiria a fórmula mecânica.

Considérez d'après son caractère empirique, ce sujet serait donc, comme phénomène, soumis, suivant toutes

les lois de la détermination, à la liaison causale, et ne serait sous ce rapport qu'une partie du monde sensible, dont les effets, comme tout autre phénomène, découleraient inévitablement de la nature, à mesure que des phénomènes exerceraient sur lui leur influence et que son caractère empirique, c'est à dire la loi de sa causalité, serait connu par expérience.

11 — pg. 171: não, mas indica o caminho.

Mais, suivant son caractère intelligible (quoiqu'à la vérité nous n'en puissions avoir que le concept purement générale), le même sujet devrait néanmoins être déclaré libre de toute influence de la sensibilité et de toute détermination phénoménale; et comme rien *n'arrive* en lui tant qu'il est noumène, comme il n'y a aucun changement que exige une détermination dynamique de temps, comme par conséquent aucune liaison avec des phénomènes comme causes ne se présente en lui; cet être actif, en tant qu'il serait affranchi dans ses actions de toute nécessité naturelle telle qu'elle se présente dans le monde sensible, serait indépendant et libre.

12 — pg. 172: (1) Mais uma vez o moumeno tem de atender ao mundo para lhe oferecer o seu fenómeno.

(1) On dirait très bien de lui qu'il commence *de lui-même* (ou spontanément) ses effets dans le monde sensible, sans que l'action commence *en lui*; et cela serait vrai sans que les effets fussent pour cela commencer d'eux-mêmes dans le monde sensible, parce qu'ils sont toujours prédéterminés par des conditions empiriques dans les temps passés, mais cependant par le moyen seul du caractère empirique (qui est simplement le phénomène de l'intelligible) et qu'ils ne sont possibles que comme une continuation de la série des causes physiques.

13 — pg. 179: aqui é flagrante a nossa discordância.

et si nous pouvions pénétrer jusqu'au fond tous les phénomènes de son arbitre (de l'homme), il n'y aurait pas une seule action humaine qu'on ne pût certainement prédire et connaître comme nécessaire, en partant de ses conditions antérieures.

14 — pg. 179: contradição.

Mais quelques fois nous trouvons, ou du moins nous croyons trouver, que les idées de la raison ont réellement fait voir une causalité par rapport aux actions de l'homme comme phénomènes, et que ces actions ont eu lieu, non par la raison qu'elles étaient déterminées par des causes empiriques, mais parce qu'elle étaient déterminées par les principes de la raison.

15 — pg. 180: Cá está um eclectismo de factos que favorece a nossa interpretação.

(1) La moralité propre des actions (le mérite et le démérite), celle même de notre propre conduite, nous est

donc profondément cachée. Nos imputations ne peuvent se rapporter qu'au caractère empirique. Personne ne peut donc faire le juste part de la liberté, celle de la simple nature, celle du tempérament involontairement mauvais ou bon (*merito fortunae*), ni par conséquent juger avec une parfaite justice.

16 — pg. 185: Responde a minha hipótese.

Mais la cause pour laquelle le caractère intelligible donne tout juste ces phénomènes, et ce caractère empirique dans les circonstances actuelles, est une réponse qui dépasse la raison, ainsi que le droit de faire certaines questions, comme quand on demande d'où vient que l'objet transcendantal donné à notre intuition sensible extérieure ne donne précisément d'intuition que *dans l'espace*, et pas d'autre.

17 — fl. intercalar primeira, anverso:

Com Bergson e Hannequin o mundo é essencialmente movimento, o que concorda com o Deus, herói voluntário, de Jaurés.

18 — mesma fl. anverso:

Um dos eternos erros na discussão do determinismo é referirmos o mundo presente ao mundo passado, sem atender à potência que lhes é subjacente e creadora. Estudamos os gestos da face do mundo, compondos-os sempre com gestos anteriores e não procuramos a alma desses gestos.

19 — mesma fl. reverso:

Hierarquia de vida: mineral, vegetal, animal, homem; ordem decrescente da inércia (1)
(1) Ligar com o bergsonismo.

20 — mesma fl. reverso:

O seu criticismo é uma exagerada metafísica da experiência negativista e ao mesmo tempo exageradamente afirmativa, quando admite em absoluto o critério da possibilidade da experiência (Ver Jaurés).

21 — mesma fl. reverso:

O infinito do espaço quer dizer apenas que onde quer que vamos, há ser, portanto experiência, portanto, espaço.

O único volume da *Critique de la raison pratique*, précédée des *Fondements de la Métaphysique des moeurs*, tem sublinhados apenas em três páginas: dois, acompanhados de anotação e o último, na *Conclusion*, aparecendo uma anotação no fim do texto, na metade da página que ficou livre.

- 1 — pg. 179: E se por autonomia quisermos obedecer à autêntica Autonomia da vontade divina?

L'autonomie de la volonté est l'unique principe de toutes les lois morales et de tous les devoirs qui y sont conformes: tout *hétéronomie* de la volonté au contraire non seulement ne fonde aucune obligation, mais même est opposée au principe de l'obligation et à la moralité de la volonté

- 2 — pg. 269: A noésis platónica.

Elle [origine du devoir] ne peut être que la *personnalité*, c'est-à-dire la liberté, ou l'indépendance de tout le mécanisme de la nature, considéré comme la faculté d'un être qui appartient au monde sensible, mais qui en même temps est soumis à des lois pures pratiques qui lui sont propres, ou qui lui sont dictés par sa propre raison, et, par conséquent, à sa propre personnalité, en tant qu'il appartient au monde intelligible.

- 3 — pg. 393: A minha autonomia relativa pode *escolher, optar* pela obediência a uma Real e Absoluta Autonomia: Cristo-Deus... E, *se pode, deve* — à Kant.

Deste conjunto de anotações é fácil tirar algumas conclusões gerais.

Leonardo Coimbra estudou minuciosamente as duas obras fundamentais do filósofo de Koenigsberg, no período crítico, que lhe deram um lugar ímpar na História da Filosofia moderna. No entanto, e apesar da admiração que lhe concitava, fez delas uma leitura em contestação, isto é, pelos olhos de Hannequin (filósofo francês, 1856-1905, idealista na linha da metafísica da liberdade), Lachelier (1832-1918, fundador desta corrente), Boutroux (1845-1921, seu continuador), Fouillée (1838-1912, autor da metafísica das ideias-força), Bergson (1859-1941, procurando, na sequência de Boutroux, uma nova fundamentação — o intuicionismo — para a metafísica da liberdade), J. Jaurés (socialista crítico e, para Leonardo um metafísico), todos estes, autores, que por esta ordem, refere nas anotações, como apoio à sua contestação.

Mas a discordância manifestada contém elementos que comprovam a posse das estruturas básicas do Criacionismo: assim a acusação de *cousismo*, de contradição na teoria da causalidade e na admissão do noumeno, isto é, a rejeição do formalismo kantiano, como uma das traves mestras do seu sistema, e a afirmação de uma monadologia.

Podemos, pois aventar a hipótese do estudo destas obras ter sido feito antes da publicação do primeiro livro — 1912. Além disso, na conferência proferida no liceu Rodrigues de Freitas, no dia de Camões, em 1911, critica a doutrina da liberdade de Kant, marcada pelo cientismo, que por ele, «muito delicadamente é enviada para o mundo dos noumenos»¹³,

e apresenta a filosofia francesa moderna como movimento recuperador da clara relatividade da ciência: «Não é curioso ver o critério de fecundidade e utilidade servir de critério de valor científico ao primeiro sábio francês, Poincaré? (...) E a filosofia francesa, depois de Renouvier tentar, ainda escravo do cartesianismo, salvar a liberdade, não segue com Boutroux para uma ampla e carinhosa recepção de todos os incomensuráveis científicos? Não encontra com Bergson a intuição da liberdade, a valorização da intuição, e solução das antinomias kantianas, dos argumentos de Zenão de Eleia e de todas as dificuldades criadas pelo desprezo das realidades de duração concreta, isto é, da eficácia da acção?»¹⁴.

O outro pólo de oposição contra o qual se constitui o Criacionismo, é como foi dito o positivismo de A. Comte e o empirismo de J. Stuart Mill.

Também as obras fundamentais destes autores se encontram fortemente sublinhadas e anotadas. Não sendo possível prolongar mais «Nota», saliento apenas que os filósofos em que se apoia, nas suas anotações críticas, são exactamente os mesmos referidos até aqui.

ANGELO ALVES

Professor auxiliar da Fac. de Teologia

¹³ Leonardo Coimbra, *Por Camões*, in *Dispersos*, I, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, p. 199.